ROSA, Fernando. 2015. *The Portuguese in the Creole Indian Ocean: essays in historical cosmopolitanism*

London: Palgrave Macmillan

Joaze Bernardino-Costa e Cristina Patriota de Moura

REFERÊNCIA

ROSA, Fernando. 2015. *The Portuguese in the Creole Indian Ocean : essays in historical cosmopolitanism*. London : Palgrave Macmillan. 224 pp.

1 A bela foto da capa do livro *The Portuguese in the creole Indian Ocean : essays in historical cosmopolitanism* – um barco rústico aportado numa praia e o belo oceano verde-esmeralda se confundindo com o céu azul – diz muito sobre o autor e o livro. Não sabemos se o barco está saindo ou chegando. Assim também é Fernando Rosa, pesquisador que temos o prazer de conhecer há quase duas décadas. De estudante de graduação e mestrado em antropologia na Universidade de Brasília, lançou-se ao mar para fazer doutorado em antropologia na Universiteit Utrecht, na Holanda, numa pesquisa comparativa sobre a "democracia racial" brasileira e o *apartheid* sul-africano. Como resultado dessa estadia na Holanda e África do Sul, passou a fazer pesquisas sobre crioulização e identidade no antigo império colonial holandês, que resultou em textos sobre Suriname, Curaçau, Aruba e Indonésia. Após idas e vindas para o Brasil, Rosa passou uma temporada significativa da sua vida em cidades influenciadas pelas rotas e pelos itinerários do Oceano Índico : Cidade do Cabo, Trivandrum (Kerala, Índia), Macau e Malaca. Assim como os habitantes e viajantes do Oceano Índico tecem histórias, Rosa pode ser visto como um etnógrafo contador de histórias sobre uma parte do mundo pouco conhecida por nós, que infelizmente ainda temos rotas de viagem e migração restritas a alguns poucos países europeus e da América do Norte.

2 *The Portuguese in the creole Indian Ocean* é um livro formado por textos crioulos e cosmopolitas, resultantes de discussões e seminários nas várias universidades pelas quais Rosa passou nos últimos anos. A menção a esse universo vivenciado pelo autor não é fortuita : indica o esforço de estabelecer um diálogo horizontal e diverso com o Oceano Índico, ao mesmo tempo que desperta nos leitores e nas leitoras o desafio para um diálogo mais cosmopolita. Pelo menos, esse é o impacto que a obra tem sobre estes resenhistas.

3 O livro tem como fio condutor a observação da presença portuguesa em Goa, Malabar, Macau e Malaca, seja na era colonial, seja na era pós-colonial. Entretanto, dialoga com um contexto mais amplo, não se limitando às costas dos países banhados pelo Oceano Índico, dialogando também com o interior daqueles países e, em outros momentos, com o Caribe, o Brasil e a costa ocidental africana (Senegâmbia).

4 Na introdução do livro, dois conceitos centrais são desenvolvidos, cosmopolitismo e crioulização. Do ponto de vista metodológico, a ideia de histórias conectadas, desenvolvida pelo historiador indiano Sanjay Subrahmanyam (1997), articula os diversos tempos e espaços que pululam durante a leitura.

5 Se cosmopolitismo, tal qual encontramos na filosofia política, é descrito como uma visão universalista, centrada no indivíduo e na noção de liberdade individual, identificada com o Ocidente, dificilmente se pode dizer que o Oceano Índico não seja cosmopolita. Em outras palavras, se o cosmopolitismo pode ser entendido como estar em casa no mundo, identificando-se com liberdade de movimento e com tolerância às diferenças, podemos encontrar essas características em várias cidades portuárias do Oceano índico antes e depois do colonialismo europeu – ou seja, o cosmopolitismo não é um produto ocidental. Todavia, o interesse do livro não está em identificar uma ou outra pessoa ou localização como cosmopolita, mas em identificar o cosmopolitismo como um processo em formação pelas histórias conectadas.

6 O fluxo de pessoas cria rotas e itinerários, transporta ideias, imaginários, práticas culturais, bem como artefatos e objetos, conectando histórias e sociedades e dando origem a processos de crioulização. Cosmopolitismo e crioulização são processos intrínsecos.

7 Na discussão sobre crioulização, Rosa reconhece seu débito intelectual a Françoise Vergès, intelectual da pequena ilha francesa Reunião, no Oceano Índico. Todavia, faz questão de advertir que crioulização não é um conceito sem substrato histórico. Da mesma forma que Vergès elaborou seu conceito a partir de observações empíricas na ilha da Reunião, Rosa evidencia diversos processos de crioulização ao longo dos ensaios do livro.

8 A crioulização traz em si histórias de desigualdade, brutalidade, violência. É um processo complexo com múltiplas variações históricas. Todavia, a opção por investigar processos de crioulização permite-nos enxergar acontecimentos que as narrativas nacionais buscam apagar. Apesar de os portugueses terem invadido, saqueado, arrasado algumas cidades do Oceano Índico, fazendo delas entrepostos comerciais, eles também interagiram com espaços antigos, já crioulizados e cosmopolitas, e se juntaram a eles.

9 Feitas essas considerações sobre conceitos e formas de abordagens que estão cuidadosamente desenvolvidos na introdução, passemos aos comentários dos ensaios que compõem o livro.

10 “Revisiting the creole port city” procura construir similaridades entre três cidades portuárias crioulizadas : Rio de Janeiro, Surabaya (ilha de Java) e Saint-Louis-du-Sénégal, a partir de três peças literárias : *Clara dos Anjos* (1922), de Lima Barreto, *Bumi Manusia* (1980), do escritor indonésio Pramoedya Ananta Toer, e *Nini, mulâtresse du Sénégal*, (1954) do senegalês Adboulaye Sadji. O tema em comum nestas peças literárias é como raça, sexo e inclusão/mobilidade social são temas caros ao universo social das três cidades portuárias. As três obras tematizam as vicissitudes de mulheres mestiças perante a sociedade nacional. Este capítulo é o único em que não percebemos o esforço do autor em construir uma narrativa que permita a conexão entre as três cidades, mas sim uma opção por uma comparação a fim de encontrar semelhanças entre as cidades.

11 O ensaio seguinte, “The Malabar Coast (Kerala) and cosmopolitanism”, é um mergulho histórico em parte da costa ocidental da Índia, onde é possível encontrar um longo processo de crioulização e cosmopolitismo. Malabar faz parte da rota comercial do Império Romano desde o século II antes da Era Cristã, conectando-se por terra e mar ao atual Oriente Médio. A escassa documentação disponível revela que comerciantes judeus já tinham se instalado no norte de Kerala no século XII. Os comerciantes chineses também visitavam regularmente a costa de Malabar antes da chegada dos portugueses. Rosa destaca, também neste capítulo, diversas redes e rotas construídas por missionários e peregrinos budistas que viajavam por terra e mar.

12 O capítulo “Revisiting creoles and other languages in Lusophone Indian”, a partir do trabalho de Sebastião Rodolpho Dalgado (1855-1922) em Goa, procura reconstruir a influência da língua portuguesa na língua konkani (falada na costa indiana do Mar Arábico) e no crioulo indo-português do Sri Lanka. Dalgado, um brâmane cristão, membro da elite de Goa, nasceu no seio de uma família proprietária de terra, publicou, em 1919, o *Glossário luso-asiático*, ainda influente nos dias atuais, e foi vigário no Sri Lanka. Seus estudos sobre konkani tinham como objetivo revelar a riqueza e os tempos gloriosos desta língua, que era tratada como uma espécie de patoá pela elite de Goa, que preferia o português.

13 O capítulo “(Dis)connection in Macau and Melaka : constructing a lusophone Indian Ocean” estrutura-se a partir de trajetórias individuais e familiares de moradores do Perkampungan Portugis, o assentamento português, em Melaka, e moradores da afluente Macau. Em Malaca, Rosa traz algumas considerações acerca de identidade e idioma a partir das conversas com Noel Félix, um pescador aposentado e uma das poucas pessoas que ousa falar em português com o pesquisador, uma vez que as gerações mais novas compreendem essa língua, mas têm pouca fluência nela. Em Macau, Rosa deparou-se com um contexto diferente : ⅓ dos habitantes são cidadãos portugueses. As línguas oficiais são o cantonês e o português, falado por uma minoria. O fio condutor das considerações do autor sobre idioma e identidade se deu através do diálogo com Miguel de Senna Fernandes, um destacado advogado de uma família proeminente. Tanto em Malaca quanto em Macau o idioma é um claro marcador de uma cultura local, todavia são dois espaços desconectados.

14 O último ensaio, “The Muslim and Portuguese Indian Ocean : a reappraisal of cosmopolitanism in the early modern era”, conecta duas regiões do Oceano Índico (Kerala ou a Costa do Malabar e o Estreito de Malaca) a partir da história e trajetória intrigantes de alguns textos e seus autores. Esses textos, nomeados por Rosa de textos crioulos, surgiram da intersecção de histórias e conhecimentos. O primeiro texto é *Sejarah Melayu* ou *Malay annals*, nome colonial que surgiu há 200 anos para designar o

texto *Sulalatus as Salatin* ou *Genealogia dos sultões*, escrito em 1612. O segundo texto é a *Declaraçam de Malaca*, escrita em 1613, por Manuel Godinho de Erédia, nascido em Malaca, e constitui-se numa surpreendente carta de navegação e mapa de Nusantara (arquipélago indonésio), provavelmente o primeiro mapa da costa australiana. O terceiro texto são os *Colóquios*, escritos em 1563 por Garcia d'Orta, um português judeu. Orta produziu provavelmente o maior tratado médico e botânico escrito por um europeu em Goa. Em seus estudos, encontra-se com doutores muçulmanos, descreve a prática da medicina ayuvérdica e dialoga com as contribuições de Avicena. Por fim, o quarto texto crioulo é *Tuhfat al-Mujahideen*, escrito por Shaikh Zainuddin provavelmente entre 1580 e 1590. Zainnudin era um crioulo Hadhrami (do sul do Iêmen) de uma família bem estabelecida na costa do Malabar. Seu texto é visto como uma voz muçulmana antiportuguesa, escrita não em malayalam (idioma da região), mas em árabe, provavelmente para abranger um público maior.

15 Chegamos à conclusão do livro surpreendidos pelo extraordinário mundo em torno do Oceano Índico e com a sensação de que as rotas e os fluxos portugueses para aquela região do globo foram apagadas. Já as rotas e os fluxos brasileiros jamais foram construídos em direção ao Oceano Índico. Provocativamente, Rosa conclui seu livro descrevendo o sonho induzido pelo consumo de ópio do Sultão de Guzerate, Bahadur, em plena época das Grandes Navegações, que fez uma viagem hipnagógica ao Brasil, conectando duas regiões e dois oceanos. Esse é o provocativo convite que Rosa nos faz ao final de seu livro : estabelecer novos fluxos e redes, novos itinerários e rotas, novas trocas acadêmicas, culturais, políticas, religiosas entre o Oceano Índico e o Oceano Atlântico.

BIBLIOGRAFIA

SUBRAHMANYAM, Sanjay. 1997. "Connected histories: notes towards the reconfiguration of early modern Eurasia". *Modern Asian Studies*, 31(3) :735-762.

AUTORES

JOAZE BERNARDINO-COSTA

SOL/UnB
joazebernardino[at]uol.com.br

CRISTINA PATRIOTA DE MOURA

DAN/UnB
patriotademoura[at]gmail.com